

ENTREVISTA

Entrevista com o filósofo Prof. Dr. Manofredo de Oliveira¹

Gustavo Augusto da Silva Ferreira
(Entrevistador)

<https://orcid.org/0000-0002-2850-2921> – E-mail: professorgustavoferreira@hotmail.com.br

Bom dia, prezado Professor Manofredo.

Primeiramente, gostaria de agradecer-lhe por conceder a presente entrevista. Imagino que seu tempo seja bem regradado, em especial no que diz respeito a atividades secundárias como esta. O senhor, gentil e solícito como sempre, honra-nos (a mim e ao público que acessa a presente entrevista) com sua disponibilidade, ponto de vista e conhecimento.

Gustavo Ferreira: O senhor afirmara, na conferência “O Brasil e o novo governo: democracia e políticas sociais” (2018), para o *Observatório de Políticas Públicas*, que o que o Brasil está a vivenciar não é um fenômeno particular do Brasil, um tal **retorno da direita**. Mas em seguida, citando um artigo do Professor P. Serrano, o senhor alude a uma particularidade brasileira, relativa a alguns mitos, e expõe a narrativa da criação de novos inimigos, a partir do medo e do ódio, o que legitimaria nossas ações barbaras e autoritárias. Não seria o caso, na sua visão, de haver particularidades, no caso específico do Brasil, que impedem as condições de possibilidade de uma permanência da esquerda no poder? O senhor falara, por exemplo, em “banco-cracia”. Talvez a raiz disso, no caso brasileiro, tenha como seu pressuposto algo como o patrimonialismo, liberalismo etc.?

Manofredo de Oliveira: Como foi dito na conferência, dos três elementos fundamentais que, segundo muitos analistas, constituem o quadro ideológico do atual governo - Autoritarismo, Neoliberalismo e Moralismo conservador - eu iria concentrar-me no projeto do neoliberalismo. Mas resolvi situar o “pano de fundo histórico” que nos marca ainda hoje e que é tão profunda-

¹ Entrevista realizada em 05 de dezembro de 2020.

mente enraizado na visão de mundo de nossas elites e que elas nunca foram capazes, por um lado, de aceitar e efetivar entre nós as profundas transformações que ocorreram na Europa no capitalismo, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial que, economicamente foram chamados de regimes de Bem-estar social ou politicamente de Socialdemocracia, cuja característica fundamental consistiu na tentativa de conciliar acumulação do capital com uma melhora significativa das condições de vida das classes trabalhadoras tendo como instrumento básico para atingir estes objetivos a intervenção do Estado. Tudo isso foi considerado com profunda desconfiança como socialismo, comunismo, que é uma maneira de dizer que não se aceita qualquer modificação nos padrões de acumulação de riqueza, aceitam, porém, de bom grado as transformações mais recentes da economia capitalista que é a hegemonia do capital financeiro numa economia globalizada. Por outro lado, nossas elites nunca aceitaram a igualdade fundamental de todos os seres humanos, pois o colonialismo e a escravidão fazem parte do ideário do brasileiro e é tão forte que muitos negros terminaram assumindo que são seres de segunda categoria. Isso barra não só a permanência da esquerda no poder, mas também torna inviável o liberalismo político moderno baseado em direitos individuais universais. Além disso, há também um moralismo conservador em grande parte difundido por certas posturas religiosas que também não aceitam a laicidade do estado moderno e sonham com uma retomada da religião como poder integrador da sociedade.

Gustavo Ferreira: Em algumas publicações e falas públicas, o senhor realiza um interessantíssimo diagnóstico histórico filosófico com a expressão “virada ontológica”, chegando até às reviravoltas linguísticas e ao Realismo Especulativo. Frente a tal diagnóstico, como o senhor se posicionaria em relação à sua própria filosofia, o lugar da mesma? Aliás, o senhor crê ser possível se posicionar em relação às perspectivas da tradição, no sentido de “tomar um lado”, ver-se como se encaixando em alguma das correntes que o senhor próprio narra, em seu diagnóstico?

Manoel de Oliveira: Todas essas questões a que você se refere são trabalhadas no meu livro: “Ontologia em debate no pensamento contemporâneo” (Paulus, 2014). Considero agora apenas uma de suas questões que para minha concepção é simplesmente decisiva. As expressões que você citou são todas vinculadas, pois com a expressão “virada ontológica” estou referindo-me a uma postura surgida no século XX que recusa a reviravolta linguística e diz que filosofia é essencialmente ontologia. Considero aqui que essa posição se fundamenta num grande equívoco: a compreensão da reviravolta linguística como uma redução da filosofia a uma consideração da linguagem sem qualquer referência à realidade, portanto, defende uma contraposição de princípio entre reviravolta linguística e ontologia. Embora essa posição possa ser encontrada entre as filosofias que emergiram da reviravolta linguística, o que está em jogo aqui em primeiro lugar é que, na reviravolta linguística, a linguagem não é considerada simplesmente como objeto, como um tema, mas enquanto “pressuposto irrecusável” do tratamento de qualquer questão filosófica. É o que se chama a “centralidade da linguagem na filosofia”: linguagem não é simplesmente um tema da filosofia, mas a “mediação” sem a qual a filosofia não pode efetivar sua tarefa. Filosofia enquanto teoria é uma exposição e a exposição pressupõe em primeiro lugar a linguagem do contrário a teoria não se articula.

Gustavo Ferreira: Há cerca de cinco anos, em entrevista ao canal Flix TV, no programa Hora da Coruja, diferenciando e apontando os diversos níveis de atuação do cientista e do filósofo, o senhor afirmara que o filósofo sempre aponta para os “pressupostos” – a busca desses pressupostos, seria como se caracterizaria a filosofia –, havendo uma “conceitualidade ontoló-

gica”, onde todos eles, (os filósofos) “falam de certo modo do real.” Nesse sentido, em sua visão, é possível dizer que filosofia é ontologia – mesmo que se atendo apenas a uma das definições possíveis do termo?

Manfredo de Oliveira: Partindo da linguagem enquanto mediação, uma análise acurada dos componentes constitutivos da linguagem conduziu à afirmação de que são cinco seus “componentes básicos”: sintaxe, lógica, semântica, ontologia e pragmática que, enquanto componentes da linguagem, são condição de possibilidade da expressão, articulação dos diferentes temas da filosofia. Isto significa dizer que empregamos sempre uma conceitualidade ontológica mesmo que não tenhamos consciência expressa disso. Assim, temos que distinguir entre uma ontologia implícita e uma ontologia explícita. Uma boa parte de filósofos rejeita expressamente uma ontologia embora empregue uma implícita, pois do contrário você estaria falando de nada. Talvez hoje o exemplo mais claro é o de Habermas, que rejeita expressamente uma ontologia e termina em sua fase recente assumindo uma ontologia na forma do que ele chama de naturalismo fraco: um real é um todo cósmico em evolução.

Gustavo Ferreira: Em 2009, na entrevista “Conversando com Manfredo de Oliveira”, o senhor afirmara que: no Brasil, ainda não há uma discussão filosófica pública, no sentido de lermos uns aos outros (diferentemente do que ocorre, por exemplo, nos EUA, embora nos EUA há uma tendência a reduzir essa discussão a seus próprios filósofos, exceção aberta apenas para os filósofos considerados clássicos na tradição ocidental). Frente a um volume tão extenso de publicações nacionais atualmente em nossas universidades e autores/filósofos brasileiros, como a sua própria obra, a obra de H. C. Lima Vaz, a obra de Marilena Chauí, a obra de Leonardo Boff, a obra de Vladimir Safatle e outros, o senhor ainda pensa da mesma forma, quer dizer, que não lemos – ou lemos pouco, de maneira insuficiente – uns aos outros? Se sim, onde o senhor identifica a causa disso? Se não, pode se dizer que já estamos a produzir um tal debate público?

Manfredo de Oliveira: Muito pouco. Acho que dois fatos podem ser indicação disso: 1) Os autores brasileiros normalmente não são lidos, citados e muito menos discutidos por brasileiros; 2) As resenhas de obras são raras e normalmente solicitadas. Creio que há uma certa vergonha não expressa em citar autores brasileiros. A criação de congressos nacionais da Anpof foi uma tentativa, sem dúvida, muito importante com o objetivo claro de provocar debates nacionais. No entanto, de certa forma, repetiu uma das características da filosofia contemporânea: a segmentação em famílias filosóficas em geral fechadas ao diálogo com outras.

Gustavo Ferreira: A questão acima evoca o já antigo e talvez desgastado debate sobre uma filosofia realmente brasileira, do Brasil e produzida genuinamente por brasileiros, não refém de filosofias europeias ou norte americanas; questão essa que deu origem a obras como *Crítica da razão tupiniquim*, de Roberto Gomes, e o emergente debate sobre colonização do pensamento. Na qualidade de filósofo brasileiro, como o senhor encara essa questão, caso, para o senhor seja realmente uma questão, e não uma pseudo-questão, um eufemismo acadêmico?

Ps: Relato aqui a possibilidade de tal questão ser uma pseudo-questão pelo fato de que, Descartes, por exemplo, um dos pais da filosofia francesa, não lia ou debatia propriamente com – ou somente com – franceses. “Descartes junto aos jesuítas”, lembra Heidegger em *História da filosofia de Tomas de Aquino à Kant*. Ou o próprio Kant, um dos pais da filosofia alemã, ser leitor assíduo dos filósofos medievais, muitos de origem não germânica. Quero dizer que, o fato de lermos ou basearmos nossas filosofias, em geral, em autores estrangeiros, talvez não faça de nossa filosofia menos brasileira, já que é lida, discutida e produzida no Brasil. Ademais, talvez o próprio diagnóstico “Não há uma filosofia no ou do Brasil” já seja um diagnóstico filosófico, em

especial quando se analisa a questão. Ao apresentar os pressupostos de tal tese e demonstrar o porque de não haver filosofia brasileira, talvez já se esteja filosofando ou produzindo um diagnóstico filosófico, problemas de fundamentação etc., portanto, filosofando *à brasileira*.

Manfredo de Oliveira: Sim, acho uma questão equivocada a não ser que se compreenda isso no sentido do que já foi explicitado anteriormente. Há quem compreenda isso como uma redução da filosofia no Brasil a uma apresentação das filosofias de fora sem que haja um esforço de produção filosófica própria a partir dos autores apresentados. Isso seria uma redução da filosofia a uma apresentação da história da filosofia numa perspectiva puramente histórica e não propriamente sistemática. Hegel nos ensinou com muita clareza que não se constrói uma filosofia do nada, mas através da mediação do confronto com o pensamento já articulado. Daí o aspecto propriamente filosófico do confronto com a tradição.

Gustavo Ferreira: O senhor se aposentou há pouco mais de dez anos. De lá pra cá, continua como professor voluntário na Universidade (UFC), o que é prova de amor e compromisso para com a academia, a universidade e a vida filosófica-intelectual como um todo. Nesse sentido, é válido perguntar-lhe: A) o senhor vê no intelectual, em especial no filósofo, algum papel ou dever para com a sociedade, como parece haver de maneira prescrita em muitas das demais profissões e ofícios em nossa sociedade? B) Em tempos de *fake news* e “terraplanismo”, onde há “gurus” de governo sem formação acadêmica alguma e onde se aprende pseudo-ciência com *youtuber’s*, *podcast’s* e blogs, como o senhor vê a relação do intelectual com a academia – se é que, para o senhor, há alguma obrigatoriedade de o intelectual estar vinculado à academia?

Manfredo de Oliveira: Não creio que a filosofia possa ser comparada com as diferentes profissões existentes na vida de uma sociedade, pois todas elas têm a ver com as diferentes atividades que compõem a realização das diferentes dimensões da organização e do desenvolvimento da vida humana que são, então, todas elas especializadas. Certamente vale aqui uma comparação com a relação entre as ciências e a filosofia. As ciências são chamadas particulares porque trabalham domínios específicos da realidade que podem ser considerados a partir de determinados quadros buscando determinados objetivos. A filosofia é ciência universal no sentido de que é a teoria das estruturas fundamentais do universo irrestrito do discurso. Portanto, ela não possui um objeto específico, mas trabalha sempre todo e qualquer objeto visando a dimensão basal. É a filosofia enquanto tal que tem esta tarefa, seja o filósofo ligado à academia ou não. Por isso sua relação com a sociedade nesse sentido é uma posição provocadora porque ela põe toda e qualquer realidade em questão. Embora a formulação seria, de certa forma, outra hoje, dá certamente uma direção do que penso a tentativa anterior que fiz num de meus livros de exprimir o papel e lugar da filosofia no mundo humano: “A filosofia tem como tarefa tematizar o sentido-fundamento de toda nossa experiência, sentido que ultrapassa todo e qualquer sentido regional, particular, mas que é precisamente capaz de unificar e fundamentar todos os sentidos regionais, particulares, numa palavra, todas as dimensões do real. É precisamente enquanto tematização do sentido último, no qual sempre estamos, que a filosofia se faz *crítica radical* da facticidade e enquanto tal a expressão mais alta do transcender do homem sobre o mundo...Ela se torna assim o tribunal universal, onde tudo é questionado em seu sentido: ela é crítica universal, não por uma arrogância pretenciosa, mas precisamente por experimentar de uma maneira mais radical todo o dimensionamento do real” (Filosofia na crise da modernidade, Loyola, p. 168).

Gustavo Ferreira: Em 2016, em entrevista ao programa *Dialogo*, com Ricardo Guilherme, tal como em sua obra *Desafios éticos da globalização*, o senhor afirmara que considera a globa-

lização como um fruto da Modernidade, algo que nos dá a entendê-la como uma continuação ou extensão da modernidade ou das pretensões do espírito moderno. Desta sorte, o senhor consideraria incorreto falar das filosofias do século XX e dos dias atuais como filosofia (ou filosofias) **Contemporânea(s)**, falar de Contemporaneidade, como um outro período filosófico que adviesse após a Modernidade, como se a filosofia após Nietzsche e Marx, tomasse um rumo distinto dos caminhos e caracterização da Modernidade?

Complementação da pergunta: Lima Vaz, em seus *Escritos de Filosofia*, entende as filosofias do seu tempo (século XX) ainda como Modernidade; Heidegger as vê como consequência da Modernidade, no caso do esquecimento do ser assumindo a forma da metafísica da subjetividade; J-F. Lyotard fala em pós-modernidade e/ou condição pós moderna; alguns teóricos brasileiros e até departamentos inteiros compreendem a filosofia do século XX e a atual como contemporânea, chegando a promover concurso para professor de filosofia contemporânea (como fora o caso do último concurso para professor de filosofia promovido pela Universidade Estadual do Ceará).

Manofredo de Oliveira: O problema é que essas palavras são usadas em sentidos diferentes: às vezes pretendem exprimir um sentido puramente temporal. Assim, por exemplo, filosofias contemporâneas entendidas como filosofias existentes hoje. Mas podem ser interpretadas também no sentido de articular um determinado modelo de filosofar. Nesse sentido, acho que a intuição de Heidegger ainda é válida hoje: nossas propostas filosóficas hoje ainda são, de formas muito variáveis, filosofias modernas, mesmo as autodenominadas pós-modernas, no sentido estrito de que a subjetividade é o princípio determinante do projeto de filosofia. Não se trata aqui também de entender a subjetividade como único tema da filosofia, mas como o referencial que determina o tipo de projeto filosófico articulado.

Sobre o entrevistado

Manofredo Araújo de Oliveira

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1966) e doutor em Filosofia pela Universidade Ludwig Maximilian de Munique (1971). Atualmente, é professor emérito da Universidade Federal do Ceará e atua como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC (Mestrado e Doutorado). Foi professor visitante na pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e no CESEEP, em São Paulo. Possui vasta publicação na área de Filosofia e Teologia como os *Ética e Sociabilidade*, *Ética e racionalidade moderna*, *A Filosofia na crise da modernidade* e *Reviravolta Linguístico-Pragmática na Filosofia Contemporânea*.

Sobre o entrevistador

Gustavo Augusto da Silva Ferreira

Bolsista no Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD/CAPES) na Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

Recebido em: 05/12/2020.

Aprovado em: 13/04/2021.

Received: 05/12/2020.

Approved: 13/04/2021.